

# A MORTE DE UM EMBUSTEIRO VIAJANTE

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2016

**EMERSON BRAGA**



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Edelson R. Nascimento

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

B813M BRAGA, EMERSON. 1976 -  
A MORTE DE UM EMBUSTEIRO VIAJANTE /  
EMERSON BRAGA. - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

214 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-008-4

1. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## I ATO Protasis

### CENA I

*Mentir Para Si Mesmo Deixa o Velho Ator a Esmo.*

É o diabo. Retornar é o diabo – murmura diante da penteadeira de seu camarim o velho ator, quase sem mover os lábios.

Com limitada energia, roda várias vezes sobre o próprio eixo, sentado em uma cadeira giratória estridente e pouco confortável. Memoriza o espaço ao redor com a máxima precisão. Cansado dos volteios, põe um dos pés no chão, cessa o nauseante movimento e sente sua cabeça chacoalhar. Tonto, mantém os olhos fechados, a fim de concentrar-se na execução do exercício.

*Tem um pôster do filme “O Sol da Meia-Noite” colado na porta de saída – diz a si mesmo o velho ator. – Nele, Baryshnikov e Gregory Hines estão lado a lado, acho que dançam. Detestei esse filme. Desertor do exército americano que vira bailarino em Moscou, não cola.*

*Concentração, Lázaro. Concentração. Meu espelho está envolvido por uma luminária natalina que deixa seu aspecto ainda mais lastimável. Sem falar que seu reflexo nos atarraxa a silhueta, como se a gravidade fosse três vezes maior que o normal. Espelhos quebrados*

*dão azar. Esse está rachado, bem na base. Azar é uma palavra que me apavora. Por que pensei nela?*

*Atenção, Lázaro Bardo! Se distrair não é um bom sinal, nada mesmo.*

*O sofá, no fundo do camarim, qual a cor dele? Uma coisa meio café-com-leite, talvez “nude”. Ele está coberto com uma manta. Disso eu me lembro, porque é realmente pavorosa, uma mistura impensável de formas geométricas e cabeças de animais bordadas no tecido. Um trapézio, um leão... Aquilo era uma girafa, o bicho que estava perto do círculo quase oval?*

*Acima do sofá tem uma réplica do quadro “A Maja Nua”, de Renoir. Não, não. Essas cores... As feições da mulher retratada... Não é Renoir! “A Maja Nua” é de Goya. Isso. Goya ficou cego ou surdo? Não me lembro.*

*Também tem uma jarra d’água e uma cesta de frutas postas sobre a escrivaninha que está à minha esquerda. Já do meu lado direito tem um biombo, com uma imagem em preto e branco do Cristo Redentor. Não me lembro de ter ido ao Rio, apesar de ter morado por seis meses lá. A pequena imagem de Nossa Senhora está ao lado de... Qual a cor do tapete? Ele é quadrado ou retangular? Quadrado ou retangular? Que se dane, é apenas um tapete!*

*O velho ator tem seu exercício interrompido por uma repentina algazarra, que quebra momentaneamente o silêncio que tanto preza. As vozes são jovens, conversam e riem de amenidades do dia a dia, da rotina, do trabalho.*

*Que barulheira infernal é essa lá fora? – queixa-se Bardo. – Se eu imaginasse que os funcionários do Espaço Cultural Dr. Além são uns badermeiros, comemoraria meus cinquenta anos de palco em praça pública. Não faria diferença alguma me apresentar no Centrinho do Capivari, entre os turistas esnobes que por ali conversam, mastigam e se empanturram. Agem como se gula e verborragia fossem sinônimas de requinte, os bárbaros.*

*Anda! Que ocorre? Do que riem os matraqueiros?! Deus do céu! Então é isto um espaço cultural? Imagine então quando chegarem a*

*esta casa aqueles malditos meninos que sonham com o dia em que aparecerão na tevê... Ai, que tristeza os atores de hoje. Todos uns deslumbrados que arrotam textos amadores como quem acabou de digerir um calhamaço de Shakespeare!*

*Ah, se as maravilhas da modernidade permitissem que eu me desmembrasse em diversas versões de mim mesmo, em outros tantos Lázaros, não correria o risco de me constranger. Faria eu não só o papel do velho Tiré, também interpretaria o capitão Clemente, Eudésio, Amaro, Atávico, Zaquê, Zequias... Diria as falas, inclusive, de Adília e da bela Armina. Tudo para não ter que subir ao palco com os manequins juvenis do Agrela, aqueles macaquinhos que tentam reproduzir meu talento. Uns canastrões!*

*Pela primeira vez em minha vida, interpretarei em uma peça duas únicas cenas. Duas malditas cenas. Que merda! “Você é o ponto alto da peça, Lázaro, independente da quantidade de cenas e falas”. Odeio o Agrela! Por que fui escutá-lo? Se não fosse um diretor tão competente... Se não fosse o único que teve a astúcia de se aproveitar dos cinquenta anos de minha carreira, mandaria ele e toda a Companhia Hortênsia de Teatro à merda.*

*Sei o que dizem de mim, sei o que pensam. “Ele não pode fazer o capitão Clemente. É velho demais para o personagem, esquecerá as falas. Melhor que fique com o velho Tiré, que aparece rapidamente quando sobe o pano e só retorna ao palco antes que o pano desça”. São umas bestas, Agrela e sua trupe de bufões e fedelhos.*

*Eu tenho a peça inteira na ponta da língua. Memorizei até as lágrimas e os suspiros.*

*“Haverá de chorar agora a morte do assassino de teu irmão? Bem vejo que tu ainda rói um bom osso por essa aí! Pela filha de compadre Eudésio, que quer ser mais que um macho”... Não. Não é assim a fala. Como é mesmo? Eu sei. Eu sei. Eu sei que sei. “Pela filha de compadre Eudésio, que quer ser mais que um cabra-homem.” Isso. Viram? Sei todas as falas. Todas.*

*Por que não interpretamos Antígona, como seria o correto? De onde o Agrela tirou essa ideia escandalosa de adaptar o conto de um autor de que ninguém ouviu falar ou sabe quem é?*

*“Entenda, Lázaro Bardo, é a mesma história de Sófocles, mas se passa no sertão nordestino.” Uma porra, Agrela! Não é Sófocles! Não é! É apenas o trabalho literário de um zé-ninguém pretencioso e arrogante, que transformou uma das maiores tragédias gregas numa chacinha familiar nos cafundós do Judas.*

*Toda a beleza de Antígona se dissipou no roteiro do Agrela, toda a força. Mas ele quis me ouvir? Não! Eu deveria abandonar o projeto, isso sim! Ai, eu deveria. Como uma peça pode se chamar “Martelo Agalopado de Sófocles”, quando nela não há sequer uma cena de cantoria ou repente? Só mesmo o Agrela. Que merda! Que merda!*

– Seu Lázaro Bardo, o senhor aqui? Ainda é tão cedo – admira-se a camareira, antes de caminhar até a arara na qual descansam dois figurino idênticos. – O senhor é igual a meu avô. Ambos são capazes de chegar num casamento antes dos namorados noivarem. Deve ser coisa da idade. Eu não. Eu gosto de não ter pressa, de dormir até tarde. Pena que não posso. É tanta costura pra fora, que nem sei. Sem falar nos turistas, que me deixam cheia de serviço.

A mulher cantarola alegremente enquanto chuleia a barra de uma calça, o que incomoda com gravidade o velho ator. Mesmo assim, ele prefere odiá-la um pouco mais antes de mandá-la embora.

*Tomara que engula esses alfinetes – deseja Lázaro, com sinceridade. Um dos caninos fere sordidamente seu lábio inferior, enquanto os olhos fulminam a gentil auxiliar da companhia de teatro.*

*Tomara que ela caia morta bem aqui, na minha frente. Onde já se viu, entrar em meu camarim assim? Ela bateu à porta? Não, não bateu. Também, pudera... Que mulherzinha insignificante. Sorri enquanto trabalha, como se gostasse do que faz, a infeliz. Sorri, mesmo sem poder dormir até tarde. Sorri porque lhe foi negado o direito de amarrar a cara. E vem me falar em casamento. Deve ter uns dois filhos e nenhum homem para encher seu ventre com o terceiro. Me comparar a seu avô, que, muito provavelmente, é um velho babão e inútil. Que insulto! Que atrevimento!*

Após fazer alguns ajustes e verificar que tudo está perfeito com o figurino de Lázaro, a camareira avisa que retornará para ajudá-lo a vestir sua indumentária antes que o espetáculo comece.

*Preciso visitar meu avozinho antes que ele descanse de suas dores* – reflete emocionada, prestes a abraçar Lázaro, que, seco e intraduzível, não consegue pensar em nada além de alfinetes nos olhos, ouvidos e sob as unhas dos pés da mulher.

A camareira felicita-o por seu aniversário e despede-se, desconcertada. Em seguida, deixa o camarim.

Alfinetes. Muitos alfinetes.

*Não cheguei cedo, sua empregadinha de bosta, feia e mal vestida. É tarde. Tarde demais* – resmunga Lázaro.

Com equilíbrio engenhoso, o ator levanta-se e caminha até o lavabo. Asseia a mão que a mulher havia tocado com leviana intimidade. Suas marcas senis encobrem, feito tatuagens cinza-azuladas, a leveza e o viço que um dia suas mãos tiveram. Odeia ter mãos de velho, mas sabe que delas precisa para dar graça e forma a seus personagens. Demora mais tempo que o necessário a esfregar os dedos rochosos, um a um, com a paciência e o empenho que apenas aqueles que viveram muito possuem. Jamais se dedicara, em toda a sua vida, a um projeto realmente transformador. Mas lavar as mãos, isso Lázaro sabe fazer como ninguém.

Ele sente que não deveria estar aqui. Seria mais apropriado apresentar-se no Auditório Cláudio Santoro, lugar que se destina a grandes concertos musicais e muito raramente é adaptado para espetáculos de dança, seminários ou peças de teatro. Talvez, se ainda lembrassem de seu nome, das participações em inúmeras novelas, dos comerciais de enlatados, de quando estrelou em várias propagandas de uma mesma empresa de construção civil. Talvez.

Deveria ter permanecido em São Paulo, onde fez tanto sucesso, onde assinou seu nome artístico nos anais da dramaturgia do país. Retornar à terra natal a fim de encerrar sua carreira

agora lhe parece um terrível engano, o capricho romântico de um dramaturgo. Teme que sua trajetória seja resumida à encenação desprezível que ocorrerá dentro de poucas horas, neste centro cultural com um pequeno palco e 250 assentos, chamado Dr. Além.

Lázaro ansiava por uma despedida grandiosa, em um palco majestoso, e não no tablado apertado deste lugar onde um dia funcionou o Cine Glória – cenário em que tantos flertes e namoricos tiveram seu início, ou encontraram seu fim.

O prédio, que hoje abriga oficinas artísticas de teatro, danças populares e outros eventos culturais de pequeno porte, recebia, na década de quarenta, os apaixonados por cinema. Para cá se deslocavam não somente a fim de testemunhar uma das mais fantásticas ilusões criadas pelo homem, mas também para se deliciarem com os famosos amendoins torrados do seu Clides e com a apetitosa *fruna* (uma goma muito apreciada, cujas embalagens continham figurinhas de artistas de cinema).

Lázaro não deveria estar no Dr. Além. A disposição do Cláudio Santoro – com seus quase seis mil metros quadrados, acústica perfeita e elevada estrutura de cimento aparente – seria mais apropriada para acomodar seus caprichos de velho, seus ultrajantes excessos.

O tempo passa sossegado, o que traz certo alento ao coração do velho Bardo. Espreguiça-se até os ossos estalarem e a cadeira gemer. Estica a mão até a fruteira de plástico posta sobre a escrivaninha e pega uma das maçãs. Não qualquer uma delas, a mais suculenta. Mesmo sem apetite algum, leva a fruta aos dentes amarelados e morde a fina casca. Sente toda a textura, acidez e doçura, mas sua boca não se enche d'água. Há anos deixara de sentir fome. Mesmo assim, toma seu estado por simples disfunção fisiológica, e não como sinal de que outros de seus apetites também estão a fenecer. Morde, mastiga e engole sem degustar o sabor das coisas. Alimenta-se para evitar a morte, e não para gozar a vida.

Outra mordida. O olhar perdido contra uma parede em que se lê, escrita com pincel atômico de cor verde, a frase que lhe soa estúpida:

“MÁRIO VIDA LOKA”.

*Parece alguém faminto, insaciável – observa Lázaro.*

A boca do velho ator, ainda perfumada pelas emanações do fruto devorado sem gula, boceja entediada. A língua corre os lábios ressecados e novos pensamentos tomam sua mente.

*Não faz sentido algum eu estar aqui – declara o velho, para si mesmo. – Não preciso fazer isto, me humilhar assim, diante dos frequentadores do Dr. Além. E que raio de nome é esse? Daria um bom título de ficção científica barata, mas não é nome adequado para uma casa de arte e cultura. E que tipo de público frequenta um lugar chamado Dr. Além? Não sei se quero o aplauso dessa gente que virá me ver hoje. É bem provável que eles não alcancem a interpretação que pretendo dar a meu personagem, apesar das inquestionáveis limitações de roteiro. Mas, o que posso fazer? Pode o modelo escolher quem irá eternizá-lo em óleo?*

*E se a plateia for de maconheiros e tatuados? Ah! Aí eu desço do palco e nunca mais volto a Campos do Jordão. Aliás, o que eu vim fazer aqui? Como me deixei seduzir pelos limitados encantos do Agrela, aquele varapau filho de uma senhora vaca? “Escrevi o roteiro pensando em você, Lázaro Bardo, minha grande estrela. Estreará sua última peça em Campos. Será uma grande noite, você vai ver.” Grande noite... Ah, perfeito. Uma grande noite não cabe dentro da casca do finado Cine Glória, senhor diretor.*

*Um minuto. O que é isso? Ai, que chego a ficar arrepiado. Este lugar ainda resguarda o som de seus próprios fantasmas. Gritos de medo e gargalhadas de alegria dos que aqui frequentavam, todos hipnotizados pela farsa cinematográfica. Era isto que eles chamavam vida: uma hora e vinte minutos de mentiras gravadas em um rolo de filme. Quanta besteira! Este prédio deveria ter permanecido o cinema que divertia os imbecis dos quais eu fugia em minha juventude. Daqui a pouco irei me apresentar em um palco que não pertence a um cinema e nem a um teatro. Também não estou mais na televisão.*



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[www.embusteiroviajante.jimdo.com](http://www.embusteiroviajante.jimdo.com)



[emersonconto@gmail.com](mailto:emersonconto@gmail.com)



[/emerson.braga.18062](https://www.facebook.com/emerson.braga.18062)